

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal da Tarde

Class.: 10

Data: 09/02/66

Pg.: _____

A paz dos índios

Luiz Carlos Lisboa

Um velho sertanista que há meio século pacificou os índios do Vale do Itajaí, encontrou afinal a verdade que a ciência oficial ignora ou finge ignorar. A um jornal do Rio, diz ele que muito se arrepende de ter contribuído para aproximar os índios dos brancos, o que significou a destruição completa dos primeiros e o fortalecimento da convicção, nos segundos, de que aquele era o caminho certo. De fato acrescenta o velho pacificador, o indígena não é apenas adaptado aos novos valores mas despido de toda sua motivação e dignidade. Em sua simplicidade que não é confortável mas deve ser olhada de frente. A esta altura, a devastação da vida indígena já é irreversível. Mesmo assim, o impulso para destruir ainda persiste e os antigos preconceitos a respeito de aculturação indígena florescem e dão frutos continuamente.

O problema do início brasileiro serve como um teste de inteligência e sensibilidade. O futuro dirá que não estamos enfrentando a questão com um mínimo de humanidade. Do ponto de vista dos absolutistas, segundo os quais só a cultura branca do homem civilizado é perfeita e desejável, tudo caminha a contento. Aos olhos daqueles que ousam pensar por conta própria — sem uma tonelada de monografias na cabeça e alguma empáfia no coração — o que está sucedendo ao índio do nosso interior é lamentável e definitivo. Nenhuma pessoa equilibrada será capaz de explorar esse problema com intenções políticas. Insinuações de genocídio espalhadas em jornais e revistas no exterior mostram até onde vai o desequilíbrio quando a inspiração é totalitária. Dizer que nosso índio está sendo intencionalmente massacrado em troca do desenvolvimento, é obscurecer a questão. Afirmar que os responsáveis pelo problema parecem cegos para a relatividade da nossa cultura, é certo e razoável. Afinal, não é preciso ser antropólogo, psicólogo ou sociólogo para perceber essas coisas. Pelo contrário. Um espírito atento e não comprometido com a erudição, pode sentir o drama de modo totalmente novo.

Todos os valores indígenas são diferentes dos nossos. Se correspondem à realidade ou não, essa é outra história. Também nós não temos tanta certeza sobre muita coisa nossa. Os índios existem, são seres inteligentes, têm virtudes humanas e códigos próprios. Dão e recebem amor como nós, e são muito mais sóbrios e dignos, em algumas atitudes, que o branco civilizado, é bom que se diga. Eles não conhecem a técnica mas, como as crianças inteligentes, são propensos à admiração e à curiosidade. O tique-taque de um relógio é um milagre para um índio. Um aparelho de televisão funcionando pode parecer aterrador para um guerreiro kranhacãore, homem capaz de enfrentar uma onça sozinho. A técnica é o desconhecido e o miraculoso — por isso é fascinante. Pois bem, nós usamos esse fascínio fácil para conquistá-los, tomar-lhes o chão, obrigá-los a adotarem nossos

discutíveis valores. Com isso eles agonizam e morrem, como cultura, quando não como indivíduos.

Qualquer aventureiro branco, desses que vão tentar a sorte no sertão, sente-se muito superior àqueles sólidos e sadios brasileiros que nunca viram um isqueiro nem jamais calçaram um sapato. Esse "civilizado" tentará sempre explorar aquela espécie de animal bravo com aspecto de gente, que é como o índio é visto. Nunca os verdadeiros donos da terra serão traçados com dignidade pelo homem dito civilizado — exceto por algum sertanista mais esclarecido ou missionário ansioso para salvar uma alma. A regra é o abuso, o desrespeito total, a indiferença mais absoluta, e uma superioridade inteiramente infundada.

Não cabe ao governo "preservar essa raça", como disse o sertanista arrependido. Cabe a todos nós, isso sim, o sagrado dever de nos abstermos. A abstenção não é devidamente compreendida pelo homem moderno, que se julga sempre no dever de atuar de algum modo, o que é frequentemente desastroso. Diante da natureza — quando não a compreendemos totalmente, o que acontece sempre — devemos nos abster respeitosamente, atentamente. Temos muito a aprender com essa atitude, nós que nos acostumamos com o espalhafato da ação, da palavra desperdiçada, do gesto abusivo. Diante desse extraordinário fenômeno natural que é a civilização indígena, só nos resta permanecer à distância — e isso é alguma coisa que podemos, de fato, fazer. Está ao nosso alcance zelar para que aquelas culturas, ou o que resta delas, fiquem como estão, onde sempre estiveram. Os que consideram uma ajuda, uma caridade, "civilizar" nossos índios, pouco sabem da própria cultura em que vivem, e certamente ignoram tudo a respeito de si mesmos.

Um pouco de humildade permite ao branco — esse pacificador de índios que vive envolvido em guerras, desde que a História registra sua atuação — examinar melhor a questão. Nossa admiração pelo índio nada tem a ver com o mito rousseauiano do "bom selvagem". Aqueles homens simples, despídos interior e exteriormente, que vivem para o essencial e não para o supérfluo, só se parecem com crianças quando estão diante de nossas pequenas máquinhas presunçosas — e as cobijam ardentemente. Longe desse nosso mundo de mágico de feira, os índios são reais donos da floresta simbolizam a presença divina da inteligência no paraíso tropical em que vivem. Totalmente integrados no ecossistema, fazem parte harmoniosa do meio natural, de um modo predominante. Deixa dos a si mesmo, são plenamente felizes. Em contato com o homem que se chama a si próprio de civilizado, perdem da sua grandeza e muíro da sua integridade. De nossa parte, não há nada a fazer a não ser guardar distância. O que é muitíssimo para eles porque é a própria salvação.